

**Resumo:** Os autores expressam através de uma carta hipotética o que possivelmente marcou o cotidiano da vida do casal Priscila e Áquila em meados do primeiro século de nossa era. As diversas citações deste casal nos escritos paulinos e no livro de Atos dos Apóstolos informam que, além de hospedar Paulo em sua casa na cidade de Corinto por um ano e meio, ambos fizeram parte do apostolado cristão com total dedicação. Como catequistas e animadores de comunidades, seu testemunho inspira e fortalece o compromisso de fé aos casais cristãos de nosso tempo. A carta reflete alguns aspectos que dizem respeito a este compromisso, relacionando a vida de Priscila e Áquila com a experiência dos autores, tanto em sua relação conjugal como em suas atividades profissionais.

**Palavras-chave:** Discernimento. Verdade. Relacionamento. Corporeidade. Trabalho.

**Abstract:** The authors describe in a hypothetical letter the conditions in vogue in daily life of the conjugal environment of married life of Priscilla and Aquila during the middle of the first century of the Christian era. The various quotations referring to these people in the Pauline Epistles and the Acts of the Apostles are quite explicit about their stay in the city of Corinth during one year and a half while they proved Paul the Apostle with board and room while they were engaged in pastoral activities in the Christian community. They exercised an active apostolate in catechesis and Christian leadership which is most inspiring to laypeople and families of our age and time. The Pauline Epistles supply us also with an account about a suitable Christian discharge of apostolic tasks and the lifestyle inspired by a deep-felt and intensive spirituality.

**Key words:** discernment, truth, relationships, corporality, work.

## Carta de Priscila e Áquila

*Edna Maria Niero e Celso Loraschi\**

---

\* **Edna Maria Niero** é médica do Trabalho na Universidade Federal de Santa Catarina e na Prefeitura Municipal de Florianópolis; mestre em Ergonomia e doutora em Engenharia de Produção com ênfase em Saúde do Trabalhador e Políticas Públicas. **Celso Loraschi** é professor de Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos na FACASC; mestre em Teologia Dogmática com concentração em Estudos Bíblicos. São casados há 12 anos.



## Apresentação

*Poderoso é esse movimento de cavar entre significados construídos há tempos idos. Entre conceitos incrustados de “pré-conceitos”, construídos sobre firmes bases patriarcais e androcêntricas. Poderoso é esse ato de poder nomear e de dizer quem se é. Nomear a sua identidade. Dizer o mundo, recolocar e ressignificar palavras...<sup>1</sup>*

A evangelização no mundo de hoje conta com a contribuição de inúmeros casais, engajados nos diversos ministérios e movimentos eclesiais, bem como em serviços e organizações sociais promotoras da vida digna sem exclusão. Foi assim também nas comunidades cristãs primitivas. Alguns desses casais são citados especialmente nas cartas de Paulo: Andrônico e Júnia, Filólogo e Júlia, Nereu e Olímpia (Rm 16,7.15), Filêmon e Ápia (Fl 1) e Priscila (ou Prisca) e Áquila. Este último casal é citado duas vezes em cartas autênticas de Paulo (Rm 16,3; 1Cor 16,19), uma vez em carta deuteropaulina (2Tm 4,19) e três vezes em Atos dos Apóstolos (18,2.18.26). Estas citações oferecem informações básicas a respeito da vida e militância de Áquila e Priscila, provindos de Roma para Corinto, em cuja casa se hospedou Paulo por 18 meses (At 18,11), ali encontrando-se uma comunidade cristã. Foram trabalhadores e missionários com Paulo e exerceram o apostolado sempre em conjunto. Em cinco das seis citações, o nome de Priscila tem precedência ao de Áquila, denotando sua liderança e seu prestígio junto às comunidades cristãs.

Após a morte do imperador Cláudio, Priscila e Áquila voltaram a Roma, em cuja casa reunia-se uma comunidade cristã. Paulo os cita ressaltando a atuação especial de ambos e manifestando sua gratidão: “Saudai Prisca e Áquila, meus colaboradores em Cristo Jesus, que para salvar minha vida expuseram a cabeça. Não somente eu lhes devo gratidão, mas também todas as Igrejas da gentilidade. Saudai também a Igreja que se reúne em sua casa” (Rm 16,3-5).

O que Priscila e Áquila poderiam nos dizer a partir de sua experiência de fé no contexto sócio-cultural em que atuaram em meados do primeiro século? Expressamos através de uma hipotética carta<sup>2</sup> o que

<sup>1</sup> NEUENFELDT, Elaine G. *Sangue e fluxos*. Poderes e perigos demarcando fronteiras nos corpos de mulheres. In: VV. AA. *À flor da pele*. Ensaios sobre gênero e corporeidade. São Leopoldo: CEBI; Sinodal e EST, 2004, p. 103.

<sup>2</sup> A carta retoma e amplia o conteúdo da “Carta de Áquila”, de Celso LORASCHI, in: *Estudos Bíblicos*, n. 86, 2005.



possivelmente marcou o cotidiano da vida daquele casal e que diz respeito também ao nosso cotidiano. Como casal aprendiz na escola da vida e dialogando com alguns autores modernos, levantamos alguns desafios e aspirações para o nosso tempo no intuito de colaborar na reflexão sobre a relação do casal no âmbito doméstico e seu papel na sociedade.

## Introdução

Nossa saudação fraterna a todos vocês que promovem a paz e seguem o caminho da verdade, da justiça e do amor.

Somos um casal cristão, Priscila e Áquila. Moramos na cidade grega de Corinto. Viemos de Roma devido a um decreto do imperador Cláudio (no ano 49), que determinou a expulsão dos judeus que se encontravam na capital do Império, por termos sido considerados agitadores sociais. Acusações, perseguições, expulsões e mortes eram comuns no contexto político em que vivíamos.

Porém, é importante ler por trás dos acontecimentos. Consideramos o fato forçado de irmos morar em Corinto como um desígnio divino. Logo que aqui chegamos, apareceu o missionário Paulo de Tarso, conhecido também como Saulo, com quem fizemos grande amizade por muitos motivos. Um deles é que possuímos a mesma habilidade profissional: artesãos, mais especificamente, fabricantes de tendas. Convidamos Paulo a hospedar-se em nossa casa e trabalhamos juntos na mesma oficina (cf. At 18).

Através de Paulo, com seu impressionante testemunho de radical mudança de vida, conhecemos a Jesus de Nazaré com sua proposta. Ele a denominava frequentemente de “Evangelho da Liberdade”. Mexeu muito conosco em muitos aspectos. Queremos partilhar alguns com vocês.

## Mudança de ótica

Há um costume entre nós, tanto nas conversas como nos escritos, de referir-se ao casal citando o nome do homem em primeiro lugar e quase nunca o nome da esposa. Antes de entrar no movimento de Jesus era assim também conosco: “Áquila e sua esposa” ou raramente: “Áquila e Priscila, sua esposa”... Não era costume também o marido dar satisfação do seu modo de se comportar tanto na família como na sociedade. São expressões introjetadas a partir da ótica patriarcalista. De fato, no contexto cultural em que nos encontramos, “a virtude por excelência no âmbito



doméstico é a submissão... As mulheres ocupam posição socialmente subordinada, politicamente nula e economicamente relativa... São os homens que ditam a conduta que devem ter as mulheres...”.<sup>3</sup>

A mensagem de Jesus que Paulo nos proporcionou conhecer através de inúmeras conversas em nossa casa e nos encontros comunitários, nos ajudou a desenvolver o espírito crítico frente aos valores estabelecidos por uma sociedade organizada com base nos interesses de grupos dominantes. Começamos a perceber a realidade por outro ângulo e a nos relacionar de forma diferente. Foi um exercício cotidiano, uma aprendizagem permanente.

*Quando se trata de rever as relações sociais, que são também relações de poder entre mulheres e homens, nem sempre percebemos esta problemática à primeira vista. Estamos de tal maneira habituadas/os a viver certos papéis sociais, que achamos que eles fazem parte da própria natureza humana. Achamos que os modelos de ser homem e ser mulher sempre foram assim e, portanto, devem ser assim.*<sup>4</sup>

Além disso, vivemos num contexto social onde se dá grande importância à opinião dos outros. Há muitos olhos que nos vigiam e interesses alheios que interferem em nossa vida.

*Sem pedir licença entram em nossa casa e em nossa consciência, limitando, podendo. Fora das paredes domésticas, nossa inserção em uma cultura tem uma força inaudita. Para superá-la, precisamos de discernimento.*<sup>5</sup>

Este processo de discernimento algumas vezes se faz conflituoso por causa de nossas visões diferentes e, especialmente, por causa de nossa maneira de encará-las. A convivência cotidiana, como casal, nos leva forçosamente a trilhar o caminho do mútuo reconhecimento ou a adotar atitudes escapistas que nos afundam sempre mais no abismo da superficialidade, da dominação, da submissão silenciosa e, conseqüentemente, da morte do amor.

<sup>3</sup> ARENS, Eduardo. *Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas e João*. São Paulo: Paulus, 1998, p. 76.

<sup>4</sup> GEBARA, Ivone. *Outro mundo possível*. Sobre Novas Relações de Gênero. Disponível em: <<http://latinoamericana.org/2004/textos/indexp.html>>.

<sup>5</sup> LUFT, Lya. *Perdas e ganhos*. Rio de Janeiro: Record, 2004, p. 31.



Reconhecer-se mutuamente é tirar, pouco a pouco, o véu que cobre o rosto verdadeiro e original de cada um de nós; é deixar-se desvendar no mais profundo de si mesmo diante da alteridade; é “derramar-se” um diante do outro para matar a sede que temos da verdade, da autenticidade, da cumplicidade sincera, da comunhão que nos plenifica. Este processo dialético nos leva para além da alternativa do egoísmo ou do altruísmo e permite que dois seres possam ‘perder-se um no outro’ aprofundando, ao mesmo tempo, a identidade própria de cada um.<sup>6</sup>

## A verdade nos liberta

Reconhecer-se mutuamente é fazer emergir a verdade que diz respeito tanto ao relacionamento mútuo como à nossa postura dentro do mundo em que estamos inseridos. Neste sentido, meias palavras não satisfazem. São necessários diálogos verdadeiros, muitas vezes doloridos porque desenterram realidades que, convenientemente, estavam escondidas por trás da máscara criada para responder às expectativas impostas pela sociedade oficialmente constituída.

A verdade nos leva a tomar consciência de que os homens (do gênero masculino) são vítimas de sua própria dominação, reproduzida historicamente pelas três instituições mais influentes no nosso cotidiano: a família, a igreja e a escola.<sup>7</sup> Atritos fazem parte desse processo de desvencilho das falsas seguranças e de mergulho para dentro de nós mesmos. Mas “os atritos são menos danosos do que a dissimulação. O escondido debaixo do tapete é um tumor mais mortal porque oculto”.<sup>8</sup>

Percebemos com mais lucidez que somente a atenção carinhosa e o diálogo franco e aberto pode nos conduzir à verdade que nos liberta e nos faz renascer e amar de forma nova. “*Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará*”, disse Jesus (Jo 8,32). “*Foi para sermos livres que Cristo nos libertou*”, escreveu Paulo (Gl 5,1), a quem devemos a preciosa oportunidade de nos lançar por inteiro no movimento de Jesus, que não é outro senão a própria dinâmica do amor.

<sup>6</sup> BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 132.

<sup>7</sup> Cf. BOURDIEU, Pierre. *Op. cit.*, pp. 100-106.

<sup>8</sup> LUFT, Lya. *Op. cit.*, p. 49.



## Unidade na diversidade

Em nossa casa e em muitas outras, na oficina, nas sinagogas e nas ruas, Paulo não se cansa de anunciar o Evangelho da Liberdade, como contraproposta ao sistema judaico de pureza e ao de dominação patriarcalista. São frequentes as oportunidades de trocarmos ideias e experiências com outras pessoas engajadas na evangelização, como aconteceu num encontro com Apolo, numa viagem a Éfeso (cf. At 18,24-26). Apolo revelou-se como um exímio pregador e demonstrou-se muito aberto para as instruções que lhe passamos, a fim de que seus discursos correspondessem com fidelidade ao Evangelho de Jesus. Encontros deste tipo nos ajudam a entender, aprofundar e a vivenciar a proposta de Jesus Cristo, a que denominamos de “Caminho”.

Temos a alegria de dizer que o conteúdo de alguns escritos de Paulo foi concebido nestas conversas. Por exemplo, ao escrever aos Gálatas, ele define o novo pensamento que revoluciona os conceitos dominantes na sociedade greco-romana: “*Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher; pois todos vós sois um só em Cristo Jesus*” (Gl 3,28). É o ponto de chegada de um processo pelo qual passamos. Procuramos aplicá-lo no cotidiano de nossa vida, pois temos a convicção de que “*Deus não faz acepção de pessoas*”, como Pedro tão bem expressou na casa do centurião Cornélio, acrescentando: “*em qualquer nação, quem o teme e pratica a justiça lhe é agradável*” (At 10,34). O amor, em sua essência, é gratuito e incondicional. “A gente ama porque ama, e ponto”.<sup>9</sup>

*É possível desenvolver uma comunhão nas diferenças, que pode ser facilitada só por pessoas magnânimas que têm a coragem de ultrapassar a superfície conflitual e consideram os outros na sua dignidade mais profunda. Por isso, é necessário postular um princípio que é indispensável para construir a amizade social: a unidade é superior ao conflito... Não é apostar no sincretismo ou na absorção de um no outro, mas na resolução num plano superior que conserva em si as preciosas potencialidades das polaridades em contraste.*<sup>10</sup>

<sup>9</sup> Frase frequentemente repetida por Ari Martendal, professor, coordenador do programa “Lages 100 fome”, município de Lages, Santa Catarina.

<sup>10</sup> FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus e Loyola, 2013, n. 228.



Colaborando no anúncio do Evangelho, realizamos diversas viagens. Algumas com Paulo, outras por nossa própria iniciativa. Percebemos que havia muita dificuldade, da parte de algumas lideranças comunitárias, de aceitarem o novo modo de relacionamento doméstico e social decorrente do seguimento de Jesus de Nazaré. É o que se constata até mesmo em alguns escritos canônicos do Novo Testamento. Mas isto não é objeto de ocupação nesta carta.<sup>11</sup> O que desejamos é partilhar com vocês alguns aspectos de nossa vida de casal, no ensejo de colaborar na construção de uma sociedade alicerçada na igualdade e na justiça, no amor e na paz.

As dificuldades são imensas, como vocês mesmos estão sentindo no contexto do século XXI quando, na lógica, já deveriam estar superados os preconceitos, a discriminação e todo tipo de exclusão. Percebemos que não basta a formação de uma nova consciência.

*A dificuldade maior é sem dúvida a prática cotidiana. Nosso corpo foi, de certa forma, moldado para repetir a dança patriarcal em nossos usos, costumes, pensamentos, crenças e concepções da vida. Muitas vezes, tentamos novos passos, mas é como se nossos passos só sentissem segurança nas formas tradicionais de socialização de nosso corpo. Queremos o novo, mas nosso corpo parece repetir os velhos movimentos aprendidos secularmente. Por isso, um austero exercício de mudança se impõe a nós.*<sup>12</sup>

Constatamos, por exemplo, que se manifesta frequentemente nos casais uma tendência possessiva de querer o cônjuge dentro de uma moldura criada a partir de interesses pessoais. Percebemos que isto não é maldade, é manifestação de bem-querer. Porém, o amor nos leva a dar um passo de qualidade: a liberdade como caminho de realização de cada um de nós deve ser cultivada. Afinal, o casamento nos possibilita a comunhão sempre mais profunda, na medida em que respeitamos as características originais que Deus concede a cada um dos cônjuges. O que realmente importa é percorrer o caminho da liberdade em diálogo permanente, com base nos valores da igualdade, de um lado, e do respeito à diferença, de outro.

<sup>11</sup> Sugerimos a leitura do artigo de STRÖER, Marga J. *Corpos, poderes e saberes nas primeiras comunidades cristãs: uma aproximação a partir das "Cartas Pastorais"*, in: VV. AA. *À Flor da pele. Op. cit.*, pp. 105-136.

<sup>12</sup> GEBARA, Ivone. *Op. cit.*, p. 223.



O diferente não é o contrário. Torna-se fecundo quando assumido na contemplação e na gratuidade. “Aprende-se a não procurar o amor, mas a dá-lo. A maior necessidade que se tem não é mais a de ser amado, compreendido, aceito, perdoado, e sim a de compreender, amar, perdoar e aceitar os outros como eles são, para ajudá-los a se transcenderem no amor.”<sup>13</sup>

## Corpo e identidade

A contemplação é o caminho do coração. É a melhor maneira de entrar em contato com a verdade profunda de nós mesmos e da alteridade. Começa pelo nosso próprio corpo. É o caminho por excelência para a superação tanto da visão dualista própria da cultura grega em que fomos educados, como também das concepções impostas pelo sistema judaico de pureza. Somente a contemplação nos leva à intimidade com a beleza e a dignidade dos nossos corpos. As manifestações da natureza própria do corpo da mulher e do homem, longe de caracterizar impurezas e pecados, nos possibilitam vivenciar o tempo histórico que Deus nos dá como tempo propício de aprendizagens e descobertas mútuas, levando-nos a exultar de prazer e alegria e a ser eternamente gratos ao autor e fonte de toda vida.

Entendemos que este aspecto integra-se naquela realidade de “*criatura nova*” que Paulo aprofunda em suas cartas, libertada dos instintos egoístas, do legalismo e da maldade (cf. Gl 5,13-26; Rm 8,1-13; Ef 4,17-5,20). É maravilhoso poder ser o que se é, e expressar-se na liberdade de quem ama e se deixa amar verdadeiramente. “A sensação mais pura e perfeita da existência do outro (além da evidência física) é quando alguém nos ama de verdade e nos certificamos disso, pasmos, gratos e deslumbrados.”<sup>14</sup>

Nosso corpo é nossa identidade. Nós não temos um corpo, nós somos corpo. Tudo em nós é sagrado porque vem de Deus. Paulo escreveu: “*Não sabeis que o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que está em vós e que recebestes de Deus?... e, que, portanto, não pertenceis a vós mesmos?*” (1Cor 6,19). A dimensão do sagrado abrange tudo o que nos rodeia. “É preciso reconhecer que o nosso corpo nos põe em relação direta com o meio ambiente e com os outros seres vivos. A aceitação do

<sup>13</sup> MERTON, Thomas. *Contemplação num mundo de ação*. Petrópolis: Vozes, 1975, p. 119.

<sup>14</sup> FREIRE, Roberto e BRITO, Fausto. *Utopia e paixão*. Rio de Janeiro: Rocco, 1988, p. 47.





próprio corpo como dom de Deus é necessária para acolher e aceitar o mundo inteiro como dom do Pai e casa comum”.<sup>15</sup> Assim, todo olhar, toda palavra e todo gesto adquirem um sentido reverencial e comprometido com a defesa e promoção da vida. Tudo o que realizarmos no âmbito social deve ser irradiação do mesmo espírito vivificador cultivado no microcosmo do nosso cotidiano. É uma questão de escolha consciente e responsável.

*Eu não tive escolha em relação à época em que viveria, mas posso, contudo, escolher minha atitude, bem como a maneira e a proporção como vou participar dos acontecimentos vivos que nela se desenrolam. Escolher o mundo não é, portanto, apenas a admissão piedosa de que o mundo é aceitável porque vem das mãos de Deus. Trata-se, em primeiro lugar, da aceitação de uma tarefa e de uma vocação no mundo, na história e no tempo. No meu tempo, que é o presente. Escolher o mundo é escolher fazer o trabalho de que sou capaz, em colaboração com meu irmão e minha irmã, para tornar o mundo melhor, mais livre, mais justo, mais habitável, mais humano.*<sup>16</sup>

## Opção pelo trabalho

Nossas conversas com Paulo muitas vezes giravam em torno da excelência do amor que pode ser assumido em qualquer lugar e em qualquer circunstância, conforme foi expresso no conhecido ‘hino ao amor’ que as nossas comunidades cristãs proclamam com muita frequência: “... *Se eu não tivesse o amor, seria como o bronze que soa ou como um címbalo que tine... Se eu não tivesse amor, eu nada seria... de nada me adiantaria...*” (cf. 1Cor 13).

Lembramos de como fomos aprofundando a teologia da encarnação de Jesus, o Filho de Deus, exatamente pela vivência do cotidiano constituído de um conjunto de pequenas coisas: “*Ele tinha a condição divina, e não considerou o ser igual a Deus como algo a que se apegar ciosamente. Mas esvaziou-se a si mesmo, e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana...*” (Fl 2,6-7).

<sup>15</sup> FRANCISCO. Carta encíclica *Laudato Si* sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus e Loyola, 2015.

<sup>16</sup> MERTON, Thomas. *Op. cit.*, p. 149.



Ora, se Jesus, sendo Deus, consciente e livremente despoja-se de tudo a ponto de assumir a condição de escravo, então, com toda a certeza, o caminho da realização humana não está alicerçado na projeção social, nas prerrogativas, e nem no enquadramento a um sistema religioso. Mais ainda, se a salvação nos foi dada pela via do esvaziamento de Deus, então, não resta dúvida, nada mais fica sem sentido.

Esta lógica de Deus, totalmente ao reverso da lógica hegemônica do sistema sócio-político-religioso, nos impulsiona a nos inserir na realidade do mundo, numa atitude sempre renovada de serviço pela causa da vida sem exclusões. Solidarizar-se com as vítimas do sistema oficial excludente é decorrência natural da adesão à fé em Jesus, servidor dos empobrecidos. Aliás, nossas comunidades cristãs aqui da cidade de Corinto são constituídas de pessoas, em sua maioria, de condição social sem prestígio. No entanto, “*o que é loucura no mundo, Deus o escolheu para confundir os sábios; e o que é fraqueza no mundo, Deus o escolheu para confundir o que é forte...*” (cf. 1Cor 1,26-31).

Atestamos que este mundo dos pobres é o campo onde a semente do Evangelho encontra terra fértil. Aprendemos que uma das formas concretas de viver o evangelho é a opção pelo trabalho, não apenas como meio de sobrevivência, mas também como solidariedade com todos os trabalhadores. O exemplo de Paulo ilustra nossa nova concepção. A sua trajetória de conversão o levou a deixar uma posição social privilegiada, a perder amigos, a atrair o ódio de seus irmãos de raça, para inserir-se na realidade das pessoas escravizadas, trabalhando com as próprias mãos e anunciando gratuitamente o Evangelho. Fez-se trabalhador com todas as pessoas trabalhadoras, desprezadas e escravizadas.

*Os artesãos e os camponeses em geral eram objeto de desprezo e mofa por parte tanto dos intelectuais como dos aristocratas, que deviam seu bem-estar precisamente ao suor daqueles. Com certeza, não poucos artesãos eram escravos. A designação de “artesão” aplicava-se tanto a artistas, joalheiros e ceramistas, como a pedreiros, mineiros e afins.<sup>17</sup>*

<sup>17</sup> ARENS, Eduardo, *op. cit.*, p. 110.



O sonho da maioria das pessoas neste mundo greco-romano, legitimado por correntes filosóficas, era levar uma vida tranquila, sem trabalho manual considerado próprio dos escravos.

*Paulo rompeu com o sonho comum da sociedade daquela época. Rompeu com o que hoje se chama a ideologia dominante... Faz com que o Evangelho por ele anunciado apareça não como algo que fica fora das possibilidades dos escravos e trabalhadores, mas sim como algo que faz parte da vida deles.*<sup>18</sup>

De fato, entendemos que os espaços privilegiados de evangelização e de formação de uma nova consciência são os lugares comuns dos trabalhadores, ou seja, a casa, a oficina, a rua, o campo... Aprendemos a evangelizar através de contatos pessoais e participando de pequenos grupos para conversas informais que proporcionavam partilha da vida de mulheres e de homens trabalhadores, marcada com muitas histórias de exploração, de dificuldades, de dúvidas, de medos e, sobretudo, de esperança, muita esperança!

A força subversiva do Evangelho nos fortalecia na opção em favor da classe trabalhadora, desenvolvendo o espírito crítico frente à ideologia dominante que chega a *aprisionar a verdade nas teias da injustiça* (cf. Rm 1,18). Assim, em pequenas comunidades, a proposta de Jesus se torna, de maneira especial, um caminho eficaz para o estabelecimento de relações justas e fraternas. “A vida fraterna do cristão não pode limitar-se ao âmbito de uma comunidade... Sendo missionária, a comunidade cristã anuncia Jesus Cristo com gestos concretos de promoção e defesa da vida, e trabalhando para que a paz seja fruto da justiça.”<sup>19</sup>

Neste sentido, engajamo-nos em mobilizações comunitárias em favor das pessoas necessitadas, como na coleta que Paulo organizou em favor dos empobrecidos de Jerusalém. Ele evita usar a palavra ‘coleta’. Prefere dizer que se trata de ‘graça’ ou ‘obra de generosidade’ em que todos podem participar, não importando a quantidade de bens que possuam.

<sup>18</sup> MESTERS, Carlos. *Paulo Apóstolo, um trabalhador que anuncia o Evangelho*. São Paulo: Paulinas, 1991, pp. 57-58.

<sup>19</sup> CNBB. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*. São Paulo: Paulinas, 2014, n. 184.



*Quando existe boa vontade, somos bem aceitos com os recursos que temos; pouco importa o que não temos... Neste momento, o que está sobrando para vocês vai compensar a carência deles, a fim de que o supérfluo deles venha um dia a compensar a carência de vocês. Assim haverá igualdade (2Cor 8,12.14).*

Lembramos que a partilha segundo a necessidade de cada pessoa é um dos princípios muito antigos legados pela tradição de nossos Pais e Mães na fé, conforme testemunha o livro do Êxodo: a quem recolhia muito, nada lhe sobrava, e a quem recolhia pouco, nada lhe faltava (Ex 16). Jesus praticou este princípio e o ensinou aos seus discípulos, como está evidenciado nos relatos da multiplicação dos pães (Mc 6,30-44; 8,1-10). A partilha de bens deve ser expressão natural do próprio dom de Deus que, com liberalidade, nos concedeu todas as coisas para que as administrássemos, com amor prioritário às pessoas empobrecidas. Somos corpos necessitados, mas não objetos de piedade: aproximamos uns dos outros, nos conhecemos e nos descobrimos como seres interdependentes.

Em quase todas as nossas cidades há um forte clamor de gente abandonada, em situação de fome, doença e solidão. São situações emergenciais que requerem imediata mobilização de todas as pessoas de boa vontade. Muitas pessoas e comunidades estão bem envolvidas nesta tarefa de concretizar a igualdade e a justiça, na partilha concreta dos bens e na disponibilidade de servir segundo os dons de cada um.

Pequenas iniciativas inspiradas pelo espírito criativo de cada grupo são sinais reveladores do carinho e do poder de Deus no meio dos pobres, “poder como capacidade de encontrar novas formas de organização com vistas a uma vida qualitativamente melhor”.<sup>20</sup>

As iniciativas de solidariedade no meio do povo, além de manifestar a capacidade de “beber do próprio poço”, exercem a função de interpelar toda a sociedade chamada a superar as práticas assistencialistas: “É preciso aprender a lição de ética que dá o povo da rua quando reparte o pouco que tem, para que todos sobrevivam. Essa ética popular, com

<sup>20</sup> VELASCO, Carminã N. *Mulher e neoliberalismo* – Contribuição para uma Leitura Bíblica, in: *RIBLA*, n. 37. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 2000, p. 114, citando Ivone Gebara.



mais razão, interpela a sociedade a repartir a abundância para que todos vivam humanamente, hoje e no futuro”.<sup>21</sup>

A prática solidária no meio do povo interpela também o poder público que, por própria razão de ser, deve ser o promotor das condições fundamentais para a vida digna de todas as pessoas. Neste sentido, o trabalho se torna meio indispensável não apenas de sobrevivência, mas também de afirmação da dignidade da pessoa. O ambiente de trabalho deve ser seguro e saudável. Milhares de trabalhadores estão adoecendo gravemente e/ou morrendo precocemente por falta das condições mínimas de saúde e segurança em seus trabalhos. O poder público precisa transformar-se em “políticas públicas”, onde não se pode prescindir dos corpos das mulheres e homens. O planejamento das ações e a escolha das prioridades devem ser feitos a partir da aproximação e da escuta atenta das pessoas alijadas dos direitos e princípios invioláveis a todo ser humano.

É esta a consciência que herdamos da prática de Jesus de Nazaré e que temos como propósito de difundir nas visitas, nas pregações e também ao nos relacionar (vários participantes de nossas comunidades são funcionários públicos), às vezes com muita dificuldade, com os poderes constituídos. Em que pesem as dificuldades neste sentido,

*buscar a própria segurança a partir de dentro, é o caminho da autonomia no Espírito Santo. Mas esse caminho só é conseguido pelo amor, que vence o medo... É a vivência do poder pelo serviço, pois as exigências das outras pessoas mostram-se a nós como motivação interna.*<sup>22</sup>

Nós, Priscila e Áquila, com a comunhão que nos une e com as diferenças que nos distinguem; com a experiência de fé, de amor e de esperança, com Paulo e com tantas pessoas que abraçam o Evangelho da Liberdade, enviamos a vocês o nosso abraço carinhoso. Temos a plena convicção de estarmos intimamente ligados uns aos outros num só Corpo (cf. 1Cor 12). Nele não há membros mais ou menos nobres, nem funções mais ou menos importantes. A interdependência nos obriga a reconhecer

<sup>21</sup> CNBB. *Exigências evangélicas e éticas de superação da miséria e da fome*, 43. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 23.

<sup>22</sup> GAMELEIRA, Sebastião A. *A Cidadania em Paulo*, in: VVAA. *Bíblia e Cidadania: Dignidade, Comunidade e Utopia*. Col. A Palavra na Vida, n. 137/138. São Leopoldo: CEBI, 2003, p. 29.



que o modo como nos acolhemos e cuidamos uns dos outros e de todas as criaturas determina o destino da humanidade.

*“Quando o amor nos habita  
tudo se torna sagrado.  
Não há ‘Terra Santa’,  
há uma maneira santa  
de caminhar sobre a terra...  
É nossa maneira de caminhar sobre a terra  
que a torna sagrada.  
É nossa maneira de habitar nossa casa  
que faz dela um templo.  
É nossa maneira de amar no nosso leito  
que faz dele um lugar sagrado,  
o Santo dos Santos”.*<sup>23</sup>

**Endereço dos Autores:**

Rua Maurício de Souza, 465 – Casa 01  
Santa Mônica  
88035-110 Florianópolis, SC  
E-mail: quetzal97@gmail.com

<sup>23</sup> LÉLOUP, J. Yves. *Uma arte de amar para os nossos tempos* – O Cântico dos Cânticos. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 74.